

“INCOMPREENSÃO, VAZIO E OPOSIÇÃO PUERIL”:
O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ADOLESCENTES SOBRE
A ADOLESCÊNCIA NO MUNDO ATUAL

Jaqueline Caldamone Cabreira¹

Mariana Leme da Silva Pontes²

Miriam Tachibana³

Tania Maria José Aiello-Vaisberg⁴

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

Levando em consideração as diversas problemáticas sociais associadas à adolescência, que podem estar vinculadas a um sofrimento emocional vivido nesta etapa de vida, decidimos investigar o imaginário coletivo de adolescentes a respeito da adolescência. Assim, contatamos estudantes de oitava série e solicitamos que fizessem, individualmente, desenhos-estórias segundo o tema “um adolescente nos dias de hoje”. A partir da leitura dos catorze desenhos-estórias realizados, bem como da narrativa psicanalítica redigida sobre o encontro vivido, captamos três campos psicológicos não conscientes - “a incompreensão e a solidão”, “o vazio existencial” e “a oposição” -, que revelam o mal-estar emocional vivido pelo adolescente contemporâneo e dão margem para promovermos algumas reflexões em termos preventivos e psicoprofiláticos.

Palavras-chaves: Adolescência; Desenhos-Estórias com Tema; Imaginário Coletivo; Winnicott.

Pesquisadores e clínicos, que se tem voltado ao estudo do sofrimento emocional no mundo contemporâneo, concordam quando se aponta que a adolescência é um período especialmente vulnerável. Produto da vida social no mundo urbano contemporâneo, a adolescência tornou-se ainda mais conturbada nas últimas décadas, sob a vigência de uma “vida líquida” que se constitui basicamente a partir do consumo, da aceleração, tecnológica e cultural, e da emergência de novos fenômenos, que tendem a fragilizar os laços humanos (Baumann, 2004; 2007). Na atual ordem planetária, profundo mal-estar existencial

¹ Estudante do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e aluna de

iniciação científica com bolsa PIBIC/CNPQ.

² Estudante do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e aluna de iniciação científica com bolsa PIBIC/CNPQ.

³ Doutoranda em Psicologia Ciência e Profissão, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com bolsa CNPQ.

⁴ Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Orientadora de Mestrados e Doutorados dos Programas de Pós Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenadora da Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação e Presidente da NEW- Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

atinge tanto os que se encontram em posições sócio-economicamente privilegiadas, como aqueles que, em meio à pobreza e à miséria, lutam pela sobrevivência, afrontando sentimentos de insegurança material, porque todos padecem uma profunda crise de sentido.

Nem sempre o sofrimento do adolescente é sintomático e aparente. Mesmo assim, um quadro geral bastante preocupante vem à luz quando certos temas são estudados. Assim, quando o uso abusivo de álcool e drogas é investigado, sua prevalência, entre jovens, revela-se merecedora de atenção. Um panorama interessante descortina-se, deste modo, quando consultamos a literatura especializada, relativa a trabalhos, realizados no Brasil e no exterior, que evidenciam que comportamentos aditivos de adolescentes inscrevem-se como problemática de saúde pública em todo o mundo. (Galduróz, Noto e Carlini, 1997; Muza, Bettiol, Muccillo e Barbieri, 1997; Souza e Martins, 1998; Smart e Ogborne, 2000; Tavares, Béria e Lima, 2001; Carlini, Galduróz, Noto e Nappo, 2002; Baus, Kupek e Pires, 2002; Soldera, Dalgalarrodo, Correa Filho e Silva, 2004; Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann e Tosta, 2004; Chaves e Andrade, 2005; Sudback e Cestari, 2005; Raupp e Costa, 2006).

Outro interessante posto de observação é assumido quando examinamos fenômenos tais como a incidência de acidentes, fatais ou não. Nesta linha, são bastante eloqüentes os estudos epidemiológicos que indicam um aumento das taxas de suicídio e outras formas de morte violenta entre adolescentes brasileiros (Teixeira e Luis, 1997a, 1997b; Barros, Ximenes e Lima, 1995; Mello-Santos, Bertolote e Wang, 2005, Minayo, 1998; Souza, Minayo e Malaquias, 2002). Estudando adolescentes normais, Cassorla e Smeke (1994) relatam que constataram que doze por cento já haviam praticado atos suicidas pelo menos uma vez na vida. Merece menção o estudo de Carlini-Cotrim, Gazal-Carvalho e Gouveia (2000), que examinaram detalhadamente a ocorrência de variados tipos de conduta de risco em adolescentes, encontrando maior prevalência naquelas que se relacionam ao uso de veículos motorizados, à violência interpessoal e ao comportamento sexual de risco. Não há, portanto, evidências de que a situação constatada por Yunes e Zubarew (1999), que examinaram dados da Organização Pan-Americana da Saúde, relativos à mortalidade de adolescentes nas Américas, no período de 1980 a 1999, tenham sido realmente superadas. Neste estudo foi possível constatar uma tendência à diminuição de mortalidade de jovens por

causas externas na maioria dos países, com exceção do Brasil e Colômbia, que apresentaram taxas ascendentes.

Situações de gravidez na adolescência, marcadas por complicações psicossociais geradoras de sofrimento emocional importante (Pedroso e cols, 2005, Granato e Vaisberg, 2005, Mainarte, Godoy e Bonadio, 2005, Trindade e Almeida, 2002), bem como aquelas relativas à soropositividade na adolescência (Mencarelli e Vaisberg, 2005), completam um panorama que justifica que a atenção psicológica clínica seja especificamente dedicada aos jovens (Aiello-Vaisberg, 2005).

Cumpre, entretanto, notar que tal atenção não deve se restringir a ações curativas, pois a situação, pela sua magnitude, demanda a adoção de medidas psicoprofiláticas, que exigem que o clínico se desloque desde o consultório particular para a instituição e a comunidade (Bleger, 2004), para entrar em contato direto com indivíduos e grupos no ambiente social em que vivem concretamente. Desde tal perspectiva, justifica-se a realização do presente estudo, que tem como objetivo conhecer o imaginário de adolescentes sobre a vida do jovem, no mundo contemporâneo.

“RABISCANDO” COM O ADOLESCENTE CONTEMPORÂNEO: ESTRATÉGIAS TÉORICO-METODOLÓGICAS

Quando assumimos uma postura crítica com relação ao modo de produção de conhecimento em ciências humanas, percebemos que é extremamente ingênua a posição segundo a qual o paradigma sujeito-objeto, que foi usado com sucesso nas ciências naturais, convém quando estamos interessados no fenômeno humano. Este paradigma, que aposta no distanciamento como estratégia de obtenção do rigor, é, em última instância, inexequível quando nos movemos no campo das ciências humanas, porque nossa implicação é, obviamente, máxima. Exige, além disso, simplificação extrema, que resulta no desprezo de qualidades e características fenomênicas complexas, de caráter essencial, como bem mostram os limitadíssimos resultados obtidos pelas ciências comportamentais. Impõe-se, deste modo, do ponto de vista do rigor epistemológico, a adoção de um paradigma intersubjetivo, a partir do qual os adolescentes possam ser vistos como pessoas cujas vidas transcorrem numa dimensão dramática, no sentido politizeriano do

termo (Politzer, 1928/2003). Em termos de dispositivo clínico, a consulta terapêutica e o Jogo do Rabisco (Winnicott, 1968b) se constituem como possibilidade absolutamente coerente, no plano “técnico”⁵, com esta posição epistemológica.

A perspectiva psicanalítica, que admite que toda conduta humana é atravessada por múltiplos sentidos, mas que estes não são sempre acessíveis, claros e transparentes, exige desenhos de pesquisa que favoreçam a captação de dimensões afetivo-emocionais não conscientes. Urge, pois, ultrapassar metodologicamente a abordagem exclusiva do fenômeno no plano da opinião ou da percepção consciente. Tal mudança exige, dessa maneira, o abandono de metodologias centradas em questionários, escalas e entrevistas dirigidas, em favor do uso de estratégias outras, capazes de acessar planos motivacionais não-conscientes, que têm sido designados como campos psicológico-vivenciais. (Bleger,1963/2001; Herrmann, 1979/1991).

Sendo assim, buscamos estabelecer uma situação dialógica com adolescentes, usando um procedimento mediador que segue paradigmaticamente a configuração do jogo winnicottiano, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, (Aiello-Vaisberg, 1999), desenvolvido a partir do Procedimento Desenhos-Estórias (Trinca, 1976). No procedimento idealizado por Trinca (1976), o participante é convidado a realizar cinco desenhos livres, além de inventar uma história a partir de cada um e atribuir-lhe um título. Já no procedimento elaborado por Aiello-Vaisberg (1999), o indivíduo é convidado a realizar um único desenho, a partir de um tema definido previamente pelo pesquisador, conforme seu interesse de pesquisa. Em seguida, o participante é solicitado a inventar uma história a partir de seu desenho.

O Procedimento de Desenhos- Estórias pode ser erroneamente identificado como teste psicológico voltado ao exame avaliativo de indivíduos. É, assim, fundamental lembrar que foi criado como recurso mediador dialógico, e não como instrumento de avaliação ou medida, tendo em vista favorecer a ocorrência de comunicações emocionais em espaços brincantes.

Assim, participaram, deste estudo, catorze estudantes de uma escola particular situada no interior do estado de São Paulo. Tais estudantes foram

⁵ A palavra técnica, neste contexto, não significa um bem-fazer independentemente da personalidade do profissional, para aproximar-se da idéia da profissão como “arte” fundamentada em conhecimento prévio rigoroso.

abordados em sua sala de aula, onde a pesquisadora disponibilizou uma caixa contendo materiais para desenhar, além de ter distribuído uma folha sulfite para cada participante, solicitando que cada um desenhasse “um adolescente nos dias de hoje” e, em seguida, inventasse uma história a partir do desenho, a ser escrita em seu verso.

Após a realização do encontro, fazia-se necessário comunicar o vivido, de forma a viabilizar o desenvolvimento de reflexões clínico-teóricas. Seguindo uma tendência metodológica atualmente predominante no Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, optamos, então, por fazer esta comunicação através do uso de uma narrativa psicanalítica, a qual foi redigida, de memória, pela pesquisadora que vivenciou o encontro.

Tais narrativas, confeccionadas a partir de uma posição epistemológica desprovida da intenção ingênua de descrever “o que realmente aconteceu”, autorizam a participação da pessoalidade do narrador, que pode se fazer maximamente presente no texto, de acordo com uma postura epistemológica que defende que nenhuma pesquisa, em ciências humanas, deixa de ter caráter autobiográfico e referencial (Santos, 1987; Copit e Hirschon, 1993). Nesta linha, as narrativas psicanalíticas, ao apresentarem o acontecer clínico, afastando-se da mera veiculação de informação, prestam-se a despertar livres associações a partir da história narrada, permitindo que os interlocutores/leitores possam se apropriar do narrado sem submeter-se ao posicionamento adotado pelo narrador (Granato e Aiello-Vaisberg, 2004). Este é, evidentemente, um aspecto fundamental, uma vez que a pesquisa em ciências humanas deve traduzir-se basicamente como um processo dialógico e comunicacional (González Rey, 2005). Relatos conclusivos, que impedem a continuidade da interlocução entre pesquisadores e pensadores, por não terem caráter “pro-vocativo”, tornam-se duvidosos do ponto de vista de sua potencialidade heurística.

Elaboradas as narrativas, passamos à sua apresentação, bem como à apresentação dos catorze desenhos-estórias, oriundos do encontro vivido, ao grupo de pesquisadores dentro do qual este estudo desenvolveu-se. É importante destacar que esta apresentação não teve o objetivo de homogeneizar as interpretações dos diversos pesquisadores, o que seria desejável numa pesquisa positivista, que treina juízes em busca de concordância, procedimento que faz sentido num contexto epistemológico que pensa o conhecimento como cópia do

real e a verdade como *“adequatio intellectus rei”*. Na medida em que nosso ideal, na produção de conhecimento e sabedoria, não é a univocidade, mas a abertura à pluralidade de interpretações e sentidos, que se associam a cada acontecer humano (Rezende, 1993), certas práticas e cuidados metodológicos deixam de fazer sentido e são, conseqüentemente, abandonados.

Mais precisamente, buscamos, ao nos debruçar sobre a narrativa psicanalítica e sobre os desenhos-estórias, captar os determinantes afetivo-emocionais a partir dos quais emergem as produções do imaginário dos estudantes sobre os adolescentes dos dias de hoje. Tais determinantes, ou campos psicológico-vivenciais não conscientes, foram definidos por José Bleger (1963) a partir do reconhecimento de que toda conduta acontece em situação, ou seja, em função das relações e condições interatuantes a cada momento:

Este ultimo [el campo] no es otra cosa que la situación total considerada en un momento dado, es decir, es un corte hipotético y transversal de la situación. Se define el campo como el conjunto de elementos coexistentes y interactuantes en un momento dado. (...) El campo es dinámico, se está permanentemente reestructurando y modificando, por lo cual el estudio de un campo como un corte es siempre un artificio, que se puede obviar en gran medida con el estudio de campos sucesivos y continuos. Incluye siempre, como uno de sus elementos integrantes, al sujeto o partes de su personalidad. La conducta es siempre el emergente de un campo, emergente que puede recaer en forma predominante sobre el individuo o sobre los otros elementos que lo integran (Bleger, 1963/2001, p.42).

A perspectiva blegeriana exige, portanto, uma importante revisão acerca das relações existentes entre o sujeito e o ambiente em que vive:

La relación sujeto-medio no es, entonces, una simple relación lineal de causa a efecto entre dos objetos distintos y separados, sino que ambos son integrantes de una sola estructura total, en la que el agente es siempre la totalidad del campo y los efectos se producen también sobre, o dentro de él mismo, como unidad. La conducta es, así, una modificación del campo y no una mera exteriorización de cualidades internas del sujeto ni tampoco un simple reflejo o respuesta lineal a estímulos externos. Todo campo y toda situación son siempre originales y únicos, en el sentido de que no se repiten jamás totalmente de la misma manera (Bleger, 1963/2001, p.43).

Compreende-se, facilmente, que a clara percepção do campo subjacente às condutas humanas é fundamental quando se pretende chegar à transformações que ultrapassem um registro comportamental ou discursivo, para alcançar, existencialmente, modos de ser.

APRESENTANDO OS CAMPOS PSICOLÓGICOS NÃO CONSCIENTES

Detectamos a vigência de três campos psicológico-vivenciais no conjunto dos desenhos-estórias produzidos pelos estudantes, cuja definição fica imediatamente evidente nas denominações que escolhemos: “incompreensão e solidão”, “vazio existencial” e “oposição”. Assim, podemos dizer, resumidamente, que o sujeito coletivo, constituído transindividualmente pelos catorze alunos desta classe, concebe a adolescência, no mundo de hoje, como uma experiência de mal-estar, ligada à falta de sentido e fragilização vincular.

A necessidade de compreensão e o sofrimento decorrente de vivências de solidão são, certamente, temas bastante conhecidos pela psicologia clínica, de orientação psicanalítica ou humanista. Considerando a situação de vida de pessoas que iniciam processos de psicoterapia, Winnicott (1968b) afirmava que a principal motivação da busca de ajuda era exatamente a esperança de vir a ser compreendido por outra pessoa. Uma pergunta importante, a ser formulada,

neste contexto, é a de se esta corresponde a uma necessidade humana legítima e compatível com maturidade pessoal, ou se se trata de expressão de imaturidade afetivo-emocional.

A nosso ver, a resposta depende da visão antropológica que *antecede* a pesquisa psicológica. Assim, no contexto de teorizações que assumem uma visão da natureza humana como essencialmente social e gregária, a necessidade de reconhecimento será vista como eticamente justificável, de modo que aqueles que a buscam não serão rotulados como indivíduos problemáticos. Antes, ao contrário, os ambientes humanos que dificultam o usufruto de experiências de reconhecimento e compreensão serão vistos como patogênicos. Nesta linha, a busca da compreensão do outro mantém afinidade com o desenvolvimento de capacidades e o alcance de posições existenciais autônomas e responsáveis. Como corolário, aquelas teorias que pensam o homem como mônada psíquica, e a dimensão social como acréscimo à sua natureza fundamental, poderão defender a idéia segundo a qual pessoas verdadeiramente saudáveis poderiam superar toda necessidade “anaclítica” (Bergeret,1974) e viver em condição de marcada independência afetiva.

Queixas de adolescentes relativas ao fato de não serem compreendidos não são novas e têm sido interpretadas, por autores psicanalíticos, como expressão do esforço de afastar-se das vinculações infantis, que orbitam ao redor das figuras de pai e mãe. Nesta linha, a queixa expressaria um movimento saudável, a partir do qual o jovem abrir-se-ia para novos relacionamentos afetivos. Contudo, entendemos que esta conclusão, que é demasiado rápida, merece reflexão, tanto porque este tipo de queixa não é, atualmente, exclusividade dos adolescentes, como também pela peculiaridade pela qual se expressa, no momento histórico atual, que se caracteriza por marcado multiculturalismo. Uma das produções traz o tema com especial clareza: uma jovem participante desta pesquisa desenhou uma pessoa boiando num rio e escreveu, após reclamar que os adolescentes são excluídos, a seguinte história:

“(...) no mundo, somos vários, de várias raças, de etnias, de gostos diferentes e de jeitos diferentes. E também de várias tribos, como os: emos, góticos, skatistas, CDFs ou não, de surfistas, de gangs (...)”

Vemos, assim, que a queixa de incompreensão, ligada ao “somos diferentes”, portanto, “solitários”, inscreve-se na questão mais ampla e profunda da escolha do estilo de vida que, por seu turno, baseia-se, existencialmente, nos delicados processos de constituição de *self*. Uma psicanálise concreta não deixará de perceber que a problemática adolescente de criação/encontro de um modo pessoal deve ser inserida na questão mais ampla de como podemos existir como individualidades, no mundo globalizado, que caracteriza nossa modernidade tardia, ou, nas palavras de Baumann (2007), “líquida”.

A individualização é, de fato, uma produção social, historicamente condicionada, como já apontara Bleger (1963). Como fenômeno humano dotado da mais alta complexidade, deve ser estudado por todas as ciências humanas, não se constituindo com tema exclusivo da psicologia ou da psicologia social. Recentemente, este tema tem recebido maior atenção de sociólogos, para os quais a conquista da individualidade está estreitamente relacionada, ainda que de modo paradoxal, ao pertencimento a grupos sociais, numa linha que explica porque pode ser eficaz em seus efeitos, como lembra Baumann (2007), uma propaganda que diz: “Seja você mesmo, prefira Pepsi”. Um dos estudantes do grupo estudado, que está bastante afinado à este tipo de fenômeno, diz:

“Hoje o adolescente não é o que ele quer ser, e sim o que o mundo globalizado (marcas) quer que ele seja”.

Paradoxalmente, a “individualidade” se refere ao “espírito de grupo” e precisa ser imposta por um aglomerado. Ser um indivíduo significa ser igual a todos no grupo, na verdade, idêntico aos demais (Baumann, 2007, p.26).

Entretanto, quando focalizamos a questão da emergência da personalidade, desde uma perspectiva de pesquisa de focaliza os delicados processos pelos quais o bebê humano, que não existe desde seu próprio ponto de vista (Winnicott, 1945), atinge um estatuto unitário e se torna capaz de integrar sua instintualidade com a capacidade de consideração pelo outro, outro é o panorama que se descortina. O solo seguro da constituição da individualidade, em diferentes contextos culturais, será o mesmo, dado que se parte da idéia da existência de uma natureza humana única. Este solo originário é a experiência corporal, que, quando levado em conta, permitirá que toda pertença social possa

ser vivida saudavelmente, vale dizer, sem queda em agonias impensáveis, sem estruturação psicótica e sem organização de um falso *self*. Evidentemente, escapar destas três condições não garante uma vida isenta de conflitos em relação ao ambiente cultural, mas confere ao indivíduo melhor condição de enfrentamento das dificuldades.

Ora, neste ponto, torna-se fundamental examinar quais seriam as condições que permitem a manutenção de um vínculo saudável com a experiência de ser encarnado, que caracteriza a condição humana. Aqui, a resposta, proveniente da pesquisa winnicottiana, é bastante clara: é a sustentação ambiental, o *holding*, aquilo que permite que os processos de emergência da personalidade unitária tenham lugar. Ora, este *holding* será desempenhado, junto aos bebês e crianças, por adultos concretos. Surge, assim, uma importante e oportuna questão: no mundo consumista, acelerado, cambiante e inseguro em que vivemos, pertencemos à elite que usufrui de boas condições de vida, ou às camadas desfavorecidas, que enfrentam a miséria, tornamo-nos verdadeiramente capazes de prover *holding* para as gerações mais novas?

Ora, quando não há *holding*, alcançamos, na melhor das hipóteses, a condição de falsos-*selves*, na qual a questão da individualidade é completamente substituída pela questão da identidade. Entretanto, uma coisa é construir uma identidade a partir de uma personalidade capaz de lidar *emocionalmente* com o paradoxo de que ser diferente de todos é ser, como todos, uma “amostra no tempo da natureza humana”, como bem estabelece a perspectiva winnicottiana, e outra bem diferente é forjar a identidade a partir de uma posição existencial falso-*self*. A nosso ver, a multiplicidade é penosa, e não enriquecedora, justamente porque, em virtude da falta de *holding*, não se estabelecem bases seguras do ser psicossomático. Aqui convém lembrar que são exatamente estas mesmas bases o que permite a consolidação de uma identidade pessoal, a pertença ao grupo e a capacidade de ficar só.

Assim, é possível levantarmos a hipótese de que os adolescentes, justamente por sentirem-se incompreendidos pelo mundo e, portanto, sozinhos, apresentariam este traço tão forte da adolescência, que é o pertencer a um grupo de pessoas que possuem gostos parecidos, usam roupas similares, compartilham de uma filosofia de vida muito próxima, dentre outros. O movimento de agrupar-se, neste sentido, não seria a mera união de pessoas maduramente constituídas,

com afinidades comuns, mas, sim, uma tentativa de elaborar a sensação de estar só, ao pertencer a um grupo que lhe proporciona uma certa sustentação emocional.

O campo “vazio existencial” subjaz a produções que abordam a sensação de vazio e futilidade em relação à vida. No conjunto do material clínico, uma história se destaca, pela sua expressividade:

“Ele nasceu. Ele cresceu. Ele morreu”.

Esta condição de vazio tampouco é exclusiva dos adolescentes, originando, atualmente, a maior parte das demandas clínicas. A nosso ver, é evidente que a consequência mais imediata da fragilização dos vínculos afetivos é a sensação de falta de sentido. Num mundo dominado pelo consumismo, que afeta tanto aqueles que conseguem comprar como aqueles que estão excluídos dos “*shopping-centers*”, na medida em que reduz a experiência humana à aquisição de mercadorias. Num mundo organizado como mercado, no qual o principal movimento é “comprar”, perde espaço a gestualidade espontânea, que é criativa e transformadora de si e do mundo, gerando cultura, única forma de ser capaz de conferir sentido, na medida em que permite que a pessoa se sinta viva e real. Então, parece-nos pertinente concluir que os adolescente estudados, incompreendidos, solitários e vazios, compartilham, já com os adultos, um mal estar generalizado, do qual poucos conseguem escapar.

O sofrimento decorrente das vivências de vazio e futilidade parece manter importante relação com um fenômeno que foi maciçamente abordado em vários desenhos-estórias: o uso de aparelhos eletrônicos, tais como telefone celular, ipod e computador. Vários pesquisadores estão, atualmente, interessados em compreender o uso que o ser humano faz da Rede. Alguns observaram um tipo de uso voltado à tentativa de resolução de questões existenciais. Bettini (2002, p. 158), que realizou um estudo com usuários da Internet, afirma:

(...) esse vazio (...) é o que impulsiona os participantes a entrarem na Internet, para estabelecer vínculos, pois os motivos que relatam são: não estar bem, sentir-se triste e deprimido, desejar encontrar alguém, ou buscar aquilo o

que quer. Buscam, na Internet, realizar seus desejos, ter satisfação, compreensão e reconhecimento em alguns momentos de prazer.

Finalmente, o campo psicológico-vivencial da “oposição” diz respeito à adoção de condutas contrárias aos desejos dos adultos. Não se trata, contudo, da apresentação de comportamentos realmente rebeldes, que se articulam a partir de posicionamentos críticos ao mundo dos adultos, mas, ao contrário, de manifestações de feição bastante imatura e pueril, do tipo resistente-passivo. O elemento consumista fica muitas vezes bastante evidente, revelando que estamos diante de um simulacro de rebeldia, uma vez que, na essência, é mantido o aspecto fundamental do mundo “líquido”, no qual as pessoas estão reduzidas à condição de consumidores. A seguinte história, escrita por um estudante, expressa esta questão:

“Nós ficamos muito no computador e na TV. Só comemos porcarias e não fazemos exercícios assim todos os dias”.

Como se vê, estamos diante de uma problemática de falta de rebeldia, de oposição impotente. Sabemos que a oposição tem grande valor no contexto do amadurecimento emocional, de acordo com a perspectiva winnicottiana. De fato, é o pareamento entre fantasias destrutivas e a sobrevivência do outro o complexo fenômeno que, ao permitir a conquista da percepção da externalidade do mundo, contribui decisivamente para a consolidação do *self* (Winnicott, 1968c). Assim, a possibilidade de oposição do adolescente aos modos de vida instituídos certamente contribuiu para uma boa entrada na vida adulta, para muitas gerações de adolescentes do século 20. Entretanto, na condição contemporânea, que se caracteriza pela vitória esmagadora do mercado sobre projetos e utopias, certamente não contribui para a eventual constituição de uma oposição adolescente saudável.

O “NORMAL” E O “PATOLÓGICO” NA ADOLESCÊNCIA, DESDE A PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

Concluímos, assim, que os catorze adolescentes, que conversaram conosco usando desenhos-estórias como mediadores dialógicos, nos disseram, fundamentalmente, que os jovens dos dias atuais se sentem predominantemente incompreendidos, solitários, vazios e engajados em oposições de tipo passivo-agressivo. Assim, podemos afirmar que nossos sujeitos reconhecem a vida dos adolescentes como essencialmente sofrida do ponto de vista emocional. Cabe, agora, perguntar se este quadro pode ser compreendido como expressão da saudável imaturidade característica desta fase de vida, à qual Winnicott (1968a) dedicou alguma atenção:

O que estou afirmando (...) é que o adolescente é imaturo. A imaturidade é um elemento essencial da saúde na adolescência (...) Nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, idéias de um novo viver. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis (Winnicott, 1968a, p. 198).

Evidentemente, a questão reclama maior reflexão. Entretanto, nossa tendência, no presente momento elaborativo, caminha no sentido de pensar que não estamos diante de um sofrimento específico do adolescente, muito menos de uma imaturidade saudável, fenômeno que Winnicott teve oportunidade de presenciar durante algumas décadas do século 20, nas quais ainda vigoravam narrativas totalizantes, religiosas ou políticas, que permitiam a manutenção social de sonhos de mudança. Ao contrário, pensamos que a modernidade “líquida” atinge a todos de modo claramente violento, mergulhando adolescentes e adultos, indistintamente, numa crise de fragilização dos vínculos e de perda de sentido de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1995). Psicodinâmica das Representações Sociais: Projeção e Transicionalidade. *Psicologia USP*, (2), p. 103-127.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre-Docência não publicada. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2003). Sofrimento humano e estudo da “eficácia terapêutica” de enquadres clínicos diferenciados. In Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Ambrosio, F.F. (Orgs), *Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer.

Barros, M.D. A., Ximenes, R. & Lima, M.L.C. (2001). Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. *Revista de Saúde Pública*, 35 (2), 142-149.

Baumann, Z. (2004). *Amor Líquido* (trad. por C. A. Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar.

Baumann, Z. (2007). *Vida Líquida* (trad. por C.A. Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar.

Baús, J., Kupek, E. & Pires, M. (2002). Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública*, 36 (1), 40-46.

Bergeret, J. (1974). *Personnalité Normale et Pathologique*. Paris : Dunod.

Bettini, R.V. (2002). *Vínculos pela Internet: um estudo psicológico*. Tese de Doutorado. Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Bleger, J. (1963/2001). *Psicologia de la conduta*. Buenos Aires: Paidós.

Bleger, J (2004). *Psicohigiene y Psicologia Institucional*. Buenos Aires: Paidós.

Carlini E.A., Galduróz J.E., Noto, A.R. & Nappo S. (2002). Levantamento domiciliar sobre uso de drogas no Brasil. Estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país. Secretaria Nacional Anti Drogas (SENAD) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). São Paulo: Cromossete Gráfica e Editora Ltda.

Carlini-Cotrim, B., Gazal-Carvalho, C. & Gouveia, N. (2000). Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 34 (6), 636-645.

Cassorla, R.M.S. & Smeke, E.L.M. (1994). Autodestruição humana. *Cadernos de Saúde Pública*, 10, 61-73.

Chávez L.M.C. & Andrade D. (2005). La escuela básica em la prevención del consumo de alcohol y tabaco: retrato de una realidad. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 13, 784-789 .

Copit, M.S., & Hirchzon, C.M. (1993). Psicanálise: uma ciência pós-moderna? Em Lino da Silva, M.E. (Org), *Investigação e Psicanálise*. São Paulo: Papirus.

Freud, S. (1919). O “estranho”. Em Obras completas, *volume XVII*. Rio de janeiro: Imago.

Galduróz, J.C.F., Noto, AR. & Carlini, E.A. (1997). *Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo: CEBRID/EPM.

Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 12 (2), 253-271.

Guimarães, J.L., Godinho, P.H., Cruz, R., Kappann, J,I, & Tosta Jr, L.A. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38 (1), 130-132.

Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável? Anais do Simpósio Internacional do Adolescente. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>

Hermann, F. (1979/1991). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: editora Brasiliense.

Mainarte, M.A.C., Godoy, S.R. e Bonadio, I.C. (2005). Gravidez na adolescência em periódicos de enfermagem, ginecologia e obstetrícia entre 1997-2001. Simpósio Internacional do Adolescente. www.proceedings.scielo.br/sicelo.php

Mello-Santos, C., Bertolote, J.M. & Wang, Y.P. (2005). Epidemiology of suicide in Brasil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27 (2),131-134.

Mencarelli, V.L. & Vaisberg, T.M.J.A. (2005). A compaixão na contratransferência: narrativa de um encontro clínico com uma adolescente soropositivo. Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>

Minayo, M.C. S (1998). A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 14 (2), 421-428.

Muza, G.M., Bettiol, H., Muccillo, G. & Barbieri, M.A. (1997). Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares em Ribeirão Preto, SP (Brasil). Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Revista de Saúde Pública*, 31, 21-29.

Pedroso, M.A., Osazaki, E.L.F.J., Cavalieri, J., Tocci, H.A & Bossa, N. (2005). Gravidez na adolescência: números do Hospital Maternidade Interlagos: retrato de uma realidade. Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>

Politzer, G. (1928/2003) *Critique des fondements de la psychologie*. Paris: PUF

Raupp, L.M.; Costa, J.M. (2006). O ECA e as práticas de atendimento à drogadição na adolescência Anais do Primeiro Congresso Internacional de Pedagogia Social. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Rezende, A.M. de (1993). A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. Em Lino da Silva, M.E. (Org), *Investigação e Psicanálise*. São Paulo: Papirus.

Smart, R.G. & Ogborne, A.C. (2000). Drug use and drinking among students in 36 countries. *Addictive Behavior*, 25, 455-60.

Soldera, M., Dalgalarondo, P., Correa Filho, H.R. & Silva, C.A.M. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, 38 (2), 277-283.

Souza, D.P. & Martins, D.T. (1998). O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 14, 391-400.

Souza, E. R., Minayo, M.C.S. & Malaquias, J. V. (2002). Suicide among young people in selected Brazilian State capitals. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, (3), 673-683.

Sudbrack, M.F.O. & Cestari, D.M. (2005). O modelo sistêmico e da educação para a saúde na prevenção da drogadição no contexto da escola: proposta do Projeto Piloto SENAD, MEC e UNB. Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Tavares, B.F., Béria, J.U. & Lima, M.S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35, 150-158.

Teixeira, A.M.F., Luis, M.A.V. (1997a). Distúrbios psiquiátricos, tentativas de suicídio, lesões e envenenamento em adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 13 (3), 517-525.

Teixeira, A.M.F. & Luis, M.A.V. (1997b). Suicídio, lesões e envenenamento em adolescentes: um estudo epidemiológico. *Revistas Latino-Americana de Enfermagem*, 5, 31-36.

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Trindade, R.F.C. e Almeida, A.M. (2002). Gravidez na adolescência e os discursos. Anais do SIBRACEN. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>

Winnicott, D.W. (1958). A capacidade para estar só. Em Winnicott, D.W. (1965/1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (trad. por I.C.S. Ortiz). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D.W. (1968a). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. Em Winnicott, D.W. (1971/1975). *O brincar e a realidade* (trad. por J.O. de A. Abreu e V. Nobre). Rio de Janeiro: Imago editora.

Winnicott, D.W. (1968b). O jogo do rabisco. Em Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas D.W. Winnicott* (trad. por J.O. de A. Abreu). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D.W. (1968c). O uso de um objeto. Em Winnicott, D.W. (1971/1975). *O brincar e a realidade* (trad. por J.O. de A. Abreu e V. Nobre). Rio de Janeiro: Imago editora.

Yunes, J. & Zubarew, T. (1999). Mortalidad por causas violentas en adolescentes y jóvenes: un desafío para la región de las Américas. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2 (3), 102-171.